

Henrique Cazes

CHORO  
DO QUINTAL AO MUNICIPAL

*5ª edição revista e ampliada*

editora ■ 34

## CHORO: DO QUINTAL AO MUNICIPAL

Prefácio, <i>Hermano Vianna</i> .....	7
1. Nasce a música popular no Rio de Janeiro e no mundo .....	15
2. Callado, a flauta e a música dos chorões .....	21
3. Anacleto de Medeiros, os chorões e as bandas .....	27
4. Chiquinha & Nazareth, o piano e a música dos chorões .....	33
5. As gravações mecânicas .....	39
6. O violão brasileiro .....	45
7. Surge Pixinguinha .....	51
8. Paris e Argentina, confusões e influências .....	57
9. São os do Norte que vêm .....	63
10. “Carinhoso” e “Lamentos”, revolução no Choro .....	69
11. Percussão no Choro .....	77
12. O rádio e a fixação do formato “regional” .....	83
13. Garoto e o Choro em São Paulo .....	91
14. Jacob, o Choro levado a sério .....	99
15. “Brasileirinho”: o Choro faz sucesso .....	107
16. A roda de Choro ontem e hoje .....	113
17. Os sopristas do Choro e o jazz .....	119
18. <i>Suíte Retratos</i> : semente de mudanças .....	127
19. Época de Ouro: Jacob encontra a fórmula .....	133
20. Quinteto Radamés, o Choro e a modernidade .....	139
21. Anos 1970, o ressurgimento .....	147
22. Canhoto da Paraíba e o Choro nordestino .....	153
23. Os festivais de Choro no Rio e em São Paulo .....	159
24. Joel Nascimento & Déo Rian, a difícil herança de Jacob .....	167
25. Camerata Carioca: o Choro chega ao Municipal .....	173
26. Choro cantado, um assunto polêmico .....	181
27. Oficinas e livros, o Choro vai à escola .....	189
28. Novas experiências, outros formatos .....	195
29. Choro por toda parte .....	201
30. Discografia selecionada do Choro nas plataformas digitais ....	209
Posfácio: 150 anos e muito futuro pela frente .....	215
<i>Índice onomástico</i> .....	219
<i>Créditos das imagens</i> .....	231

## PREFÁCIO

Não é preciso ser profeta para afirmar que este livro se tornará, imediatamente, uma obra de referência indispensável para estudiosos e amantes do choro e da música brasileira em geral. Primeiro pelo seu caráter enciclopédico, ou melhor, de quase dicionário biográfico (e ainda melhor: quase romanceado) dos grandes chorões do Brasil. Faz tempo que um trabalho como este era esperado e necessário. As obras existentes estão em sua maior parte esgotadas e não abordam a evolução recente do choro no Brasil e no mundo.

Um leitor interessado na história desse gênero musical teria que frequentar dezenas de bibliotecas e sebos para, juntando pedaços de diversos livros, formar um panorama bastante incompleto daquilo que aconteceu e tem acontecido em torno das rodas de choro. Henrique Cazes facilita nossa vida. Mas seu trabalho não é apenas o de um cuidadoso compilador. Muitas das histórias aqui contadas e muitos dados biográficos aqui encontrados são revelados para o público pela primeira vez.

As virtudes deste trabalho não terminam por aí. Um dos maiores méritos de *Choro: do quintal ao Municipal* é o de ter sido escrito por um músico extremamente envolvido com os novos rumos que esse gênero musical tomou recentemente (e que há de tomar no futuro), além de ter tido o privilégio de conviver, desde sua adolescência, com alguns dos maiores chorões deste século. Este livro deve ser também degustado como um depoimento pessoal sobre toda essa história e todas essas vidas musicais. Para Henrique Cazes não seria interessante fingir ser um observador imparcial do choro (até porque — já estamos cansados de saber — não há, em nenhuma ocasião, observadores imparciais). Grande parte da riqueza do seu relato vem de sua coragem de ter opiniões, algumas delas bastante polêmicas, e de propor uma nova maneira de olhar para aquilo que já era conhecido, o olhar de um chorão contemporâneo.

Portanto, não é também preciso ser um profundo conhecedor do choro para perceber que este livro propõe uma espécie de reviravolta (di-

ria revolução, se tal termo não perturbasse o tom de modéstia adequadamente zen com o qual Henrique Cazes trata os seus importantes achados) na narrativa tradicional — e tradicionalizante — de sua história.

Quase como quem não quer nada, quase *en passant*, Henrique Cazes lança alguns dados que me causaram enorme surpresa e certamente vão provocar intermináveis debates entre os especialistas. Para citar apenas alguns exemplos: em *Choro: do quintal ao Municipal* aprendemos que, no início de sua história, e até as primeiras décadas deste século, o improviso era um elemento inexistente na totalidade das gravações de choro (o que torna muito provável a afirmação de que não se improvisava nas rodas de choro).

Outra surpresa — pelo menos para pessoas como eu, leitor não especialista — é que a percussão só se torna companheira dos chorões cinquenta anos depois da primeira roda!

Para chegar a essas conclusões, Henrique Cazes fez o que pouquíssima gente fez: escutou todos os discos de choro gravados na fase mecânica da nossa nascente indústria fonográfica. Essa audição trouxe muitas outras surpresas. Alguns mitos não se saíram bem nesse simples teste. Cito, como exemplo, uma declaração bombástica e iconoclasta de Henrique Cazes sobre a atuação em disco de Patápio Silva: “Tenho a impressão de que Patápio, na verdade, ficou tão famoso mais por seu espírito ‘furão’ e aventureiro, do que por suas qualidades de solista”. Porém, nem tudo fica no terreno da impressão e do juízo de valor. Afirmar que os primeiros discos de choro não continham, por décadas, nem pandeiros nem improvisos não é nem de longe uma atitude valorativa: é uma constatação. Uma constatação nunca antes feita, não com “todas as letras”. Uma constatação que modifica a história do choro como tem sido contada até agora.

Esses e outros dados fazem com que o próprio subtítulo deste livro, “do quintal ao Municipal”, deva ser entendido entre aspas, mais como uma alusão à visão tradicional da história do choro, que pode começar a ser revista com a sua leitura. Do quintal ao Municipal sim, mas também de volta ao quintal novamente, e assim sem parar, num movimento de ida e vinda (não se sabe ao certo qual é o território de “origem”) que confunde muitas noções preestabelecidas, como a de alta e baixa cultura, ou como erudito e popular. A percussão, vista geralmente como pertencente à “cozinha” ou ao “quintal”, chega cinquenta anos depois (e o estilo mais “solto” e “balançado”, termos empregados por Henrique Cazes, aparece ainda depois...). Nesses cinquenta anos, a banda de Anacleto de

Medeiros já apresentara uma seleção de temas de *Il Guarany*, Villa-Lobos já frequentara as rodas de choro da casa do pai de Pixinguinha; e o pioneiro do violão chorista, Sátiro Bilhar (que nome!), tocara também música clássica. Então quem veio primeiro: o quintal ou o Municipal?

Puxo a brasa para a minha sardinha (e Henrique Cazes não tem nenhuma responsabilidade sobre este meu “juízo de valor”), para o que penso ser o traço mais interessante de tudo aquilo de vital que aconteceu e acontece na cultura carioca e brasileira: nem o quintal nem o Municipal. O melhor acontece “entre”, na possibilidade de ultrapassar as fronteiras rígidas que separam os vários mundos culturais, na tradução entre as várias linguagens musicais, na genial atuação de mediadores (entre-mundos, entre-linguagens) como Pixinguinha ou Radamés Gnattali, nos lançamentos mais recentes de um *Nó em Pingo D’Água*, de um Paulo Moura (com sua sintomática confusão urbana, suburbana e rural), de um encontro entre a Orquestra Pixinguinha e o grupo japonês Compostela (sob arranjos, não por acaso, de Henrique Cazes).

De alguma maneira, Henrique Cazes continua em seu livro o trabalho de releitura musical que vem fazendo em seus discos. O choro tem demonstrado ser, em toda sua história, um excelente laboratório para esse tipo de experiência.

*Hermano Vianna*

P.S.:

Ao terminar a leitura deste livro, tudo o que eu mais queria era escutar alguns discos aqui comentados, como o primeiro do Trio Surdina (violão, violino e acordeom!) ou qualquer um com Garoto tocando guitarra havaiana. Nem preciso dizer que quase todos estão fora de catálogo. Resta esperar que alguma alma caridosa com poder de decisão dentro das gravadoras leia o livro e lance todos os discos. É querer demais?